

Aberta a todas as correntes do pensamento, integra autores modernos e textos fundamentais que vão da filosofia da linguagem à hermenêutica e à epistemologia.

## PREFÁCIO

*Alexandria Ano Zero ou a 26.ª Hora*

EDUARDO LOURENÇO<sup>(1)</sup>

O desespero não é uma filosofia. É pior ou melhor do que isso. Uma certa qualidade de desespero é irrefutável. Ele começa por não se situar no plano em que todas as refutações são possíveis: o jardim suspenso e profiláctico dos professores de filosofia. Só aqui os juízes podem ofender impunemente as leis da gravidade. É o domínio do possível.

O desespero de Cioran<sup>(2)</sup> deixa-nos desarmados. Não é uma conclusão de tratado de ontologia como o de Sartre. É um acto. E os actos são irrefutáveis. Como argumentar com um homem que se suicida diante de nós?

Nós não temos essa tentação. Esta breve arte de desesperar os humanos seduziu-nos da primeira linha à última. O estilo — só por si justificaria o prémio Rivarol e a surpresa dos críticos franceses — é o de um francês do grande século

---

<sup>(1)</sup> Texto originalmente publicado na edição de outubro de 1952 da revista Seara Nova. [N. do E.]

<sup>(2)</sup> E. Cioran — *Précis de décomposition*. Ed. Gallimard, col. «Essais», Paris.

(às vezes excessivamente eloquente para o nosso gosto). Na mesma página ou na mesma linha, Pascal e Rochefoucauld, a antítese mais profunda e a lucidez mais fria. «A loucura de pregar está tão enraizada em nós que emerge de profundidades ignoradas do instinto de conservação. Cada qual espera o *seu* momento para propor qualquer coisa, não importa o quê. Tem voz. Isso basta.»<sup>(3)</sup> Onde tínhamos já ouvido um som idêntico? Compreende-se que os franceses se entusiasmassem em face de um espelho tão brilhante das suas virtualidades.

Todavia, este jovem romeno que me dizem ser, ou ter sido amigo do autor da *25.ª Hora*<sup>(4)</sup>, não é um natural da nova Roma. É um bárbaro, um homem do *limes* que aprendeu nas ruas de Paris a ironia superior das grandes agonias civilizadas. Sem paixão (a não ser a da indiferença), faz o balanço da cadeia dos desastres, brilhantes ou obscuros, da história dos homens, da história da sua pátria, da sua própria. Ou apenas o balanço da História, «mistura indecente de banalidade e apocalipse», «desfile de falsos Absolutos, sucessão de templos elevados a pretextos, aviltamento do espírito diante do Improvável».

Isto não é apenas eloquente. Tem a marca do nosso tempo de desespero e ruínas. É uma veemência que dir-se-ia composta e mal soante, não fosse a forma. A herança dos Sofistas, clássicos dos tempos em que os deuses vacilam, encontrou em Cioran uma ressonância e uma amplitude sumptuosas. O tédio descobre nele as fórmulas mais justas dos seus extremos refinamentos. «O tédio revela-nos uma eternidade que não é o ultrapassamento do tempo, mas a sua ruína; ele é o infinito das almas apodrecidas, falhas de superstições: um absoluto chato onde nada impede as coisas de andar à roda à procura da sua própria queda. A vida cria-se no delírio e desfaz-se no tédio.» É do melhor Schopenhauer. Nestas páginas onde o tédio se encontra a

---

<sup>(3)</sup> Nas citações de excertos da presente obra, mantivemos as traduções originais de Eduardo Lourenço. [N. do E.]

<sup>(4)</sup> Constantin Virgil Gheorghiu (1916–1992). [N. do E.]

si mesmo como «convalescença incurável» ou «sofrimento sem *matéria*», está implícita a mais profunda fenomenologia do tédio que conhecemos.

Podia desgostar-nos uma tal insistência se não fosse a espécie de desforra que nos oferece contra o optimismo imbecil e desvitalizado dos profissionais do humanismo progressista. Acresce ainda a variedade de modulações que Cioran insere nesse motivo permanente. Os próprios títulos das meditações introduzem-nos num permanente *ballet* de semântica surrealista. É uma viagem fabulosa entre ídolos secretos e cemitérios funambulescos. Passamos da «genealogia do fanatismo» ao tema irónico da «civilização e frivolidade», dos «pensadores crepusculares» aos «anjos reaccionários», da «acedia» à «filosofia e prostituição», quase sem darmos conta de que a viagem cinzenta se situa no mesmo círculo do inferno. Aprendemos, assim, com este nostálgico ex-discípulo das santas, as infinitas virtualidades de um desespero que renunciou a si mesmo.

Que pensar deste homem que sonha numa «Eleusis dos corações desenganados, um Mistério nítido, sem deuses e sem veemências da ilusão»? O nosso autor conhece-se melhor do que ninguém. Ele é bem «um desses escravos, vindo de um país improvável, triste e bárbaro, para arrastar na agonia de Roma uma vaga desolação, embelezada de sofismas gregos». Desenraizado total, este romeno sem lar, sem pátria, sem medida comum na fraternidade, foge à sua desolação meditando (e com que sinistra complacência) na grande arte que é a morte de uma civilização. As épocas crepusculares fascinam-no. Como a muitos outros (Mehlis, Max Scheler), não lhe escapam as inegáveis afinidades do nosso tempo com Alexandria e a Roma Imperial. Desejaria regressar lá, ele, que se sabe numa Alexandria desesperada de novos Messias. Para ver o quê? Para se curar de que doença? «Nos olhos vazios dos bustos, nos ídolos apoucados por superstições ajoelhadas, teria encontrado o esquecimento dos meus antepassados, dos meus jugos, dos meus nojos.»

Este tom não pode enganar. Nele se denuncia uma vida destruída nas raízes últimas da esperança pelo espectáculo

insensato de um massacre de valores sem precedentes na história do homem. Seria pouco decente discutir com um tal sofrimento se o destino não nos exigiu ainda um preço igual. O que na 25.<sup>a</sup> *Hora* pode ser levado à conta de desespero empírico, provocado por uma acumulação de pequenos desesperos contingentes (mas haverá outros?) é aqui absolutamente desnudado. Gheorghiu definiu a 25.<sup>a</sup> hora «a hora depois da última hora, aquela em que mesmo a vinda do Messias já não resolveria nada». O *Resumo de Decomposição* começa já nesses limites. É uma 26.<sup>a</sup> hora. Cioran libertou-se mesmo da obsessão insípida de ser útil. O seu pequeno livro é literalmente monstruoso, horrível. Não demonstra, não argumenta, não pede, não sugere, não adula. O sucesso e o fracasso, a indiferença e a sonolência são-lhe indiferentes. Limita-se a ser. É tal como é, *Resumo da Decomposição* é o livro de um homem cercado de nada por todos os lados. É o livro de um autêntico solitário — pois a sua solidão é estéril — incapaz como Sade ou Miller de comunicar com o seu semelhante a não ser pelo desdém e pelo terror.

Esta confrontação implacável com o Nada é a última palavra da sabedoria? Nós prometemos não discutir com este livro. Ele contém uma experiência. Como tal, é irrefutável. Pode ser para muitos leitores um exemplo pernicioso, um exemplo tipo de meditação esterilizante. Nós achamo-lo salutar. É uma viagem no inferno, mas o inferno cerca-nos, somo-lo, e o dever dos que não têm o direito de se iludir sobre eles mesmos é reconhecê-lo. A literatura branca dos que não efectuaram essa descida é muito mais estéril do que o livro de Cioran. Não é somente idiota. É obscena de tão imaculada.

Livros como *Resumo de Decomposição* não deixam lugar senão para dois caminhos nos leitores que os compreendem. Ou se atravessam, vencendo as solicitações de abandono que o povoam até merecer um pouco de ar respirável; ou se levam definitivamente no coração como uma pedra de sacrifício. Impossível é lê-los como se nada tivesse acontecido. Eles pertencem ao número daqueles que não se permitem rezar calmamente no Templo, como se as nossas mãos farisaicas ignorassem um mundo que o Terror jamais desertou.

## ÍNDICE

### PREFÁCIO

*Alexandria Ano Zero ou a 26.<sup>a</sup> Hora*

por Eduardo Lourenço . . . . . 7

BREVIÁRIO DE DECOMPOSIÇÃO. . . . .	11
Genealogia do fanatismo. . . . .	11
O antiprofeta . . . . .	14
No cemitério das definições . . . . .	16
Civilização e frivolidade . . . . .	17
Desaparecer em deus. . . . .	18
Variações sobre a morte. . . . .	20
À margem dos instantes. . . . .	23
Desarticulação do tempo. . . . .	23
A soberba inutilidade. . . . .	25
Exegese da decadência . . . . .	27
Coligação contra a morte . . . . .	29
Supremacia do adjetivo . . . . .	30
O diabo tranquilizado . . . . .	32
Passeio sobre a circunferência . . . . .	33
Os domingos da vida . . . . .	34
Demissão. . . . .	35
O animal indireto . . . . .	36
A chave da nossa resistência . . . . .	38
Anulação através da libertação. . . . .	39

O veneno abstrato . . . . .	40
A consciência da infelicidade . . . . .	41
O pensamento interjuncional . . . . .	42
Apoteose do vago . . . . .	43
A solidão: cisma do coração . . . . .	46
Pensadores crepusculares . . . . .	47
Recursos da autodestruição . . . . .	49
Os anjos reacionários . . . . .	52
A preocupação da decência . . . . .	54
A gama do vazio . . . . .	55
Certas manhãs . . . . .	57
O luto atarefado . . . . .	58
Imunidade contra a renúncia . . . . .	59
Equilíbrio do mundo . . . . .	61
Adeus à filosofia . . . . .	62
Do santo ao cínico . . . . .	64
Retorno aos elementos . . . . .	65
Subterfúgios . . . . .	66
Não-resistência à noite . . . . .	67
Virando as costas ao tempo . . . . .	69
Dupla face da liberdade . . . . .	69
Esgotamento provocado pelos sonhos . . . . .	71
O traidor modelar . . . . .	72
Numa das mansardas da terra . . . . .	73
O horror impreciso . . . . .	74
Os dogmas inconscientes . . . . .	75
Dualidade . . . . .	77
O renegado . . . . .	78
A sombra futura . . . . .	79
A flor das ideias fixas . . . . .	80
O «cão celeste» . . . . .	81
O equívoco do génio . . . . .	83
Idolatria da infelicidade . . . . .	84
O demónio . . . . .	85
O sarcasmo de uma «vida nova» . . . . .	86
Tripla impasse . . . . .	87
Cosmogonia do desejo . . . . .	88
Interpretação dos atos . . . . .	88

A vida sem objeto . . . . .	89
Acédia . . . . .	90
Os malefícios da coragem e do medo. . . . .	90
Desembriagamento . . . . .	91
Itinerário do ódio. . . . .	92
<i>La perduta gente</i> . . . . .	95
História e verbo . . . . .	96
Filosofia e prostituição. . . . .	97
Obsessão pelo essencial. . . . .	98
Felicidade dos epígonos. . . . .	100
Derradeira ousadia . . . . .	101
Efígie do falhado . . . . .	102
Condições da tragédia. . . . .	103
A mentira imanente . . . . .	105
O advento da consciência . . . . .	106
A arrogância da oração . . . . .	107
Lipemania. . . . .	109
Maldição diurna. . . . .	110
Defesa da corrupção . . . . .	110
O universo fora de moda. . . . .	111
O homem carcomido. . . . .	113
O PENSADOR EM SEGUNDA MÃO . . . . .	115
O pensador em segunda mão . . . . .	115
As vantagens da debilidade. . . . .	116
O parasita dos poetas. . . . .	118
Infortúnios de um estrangeiro . . . . .	121
O tédio dos conquistadores. . . . .	122
Música e ceticismo . . . . .	125
O autômato. . . . .	126
Acerca da melancolia. . . . .	127
O desejo de prevalecer. . . . .	128
Posição do pobre . . . . .	130
ROSTOS DA DECADÊNCIA . . . . .	131
A SANTIDADE E AS HIPOCRISIAS DO ABSOLUTO . . . . .	147
A recusa de procriar . . . . .	147



O esteta hagiógrafo . . . . .	149
O discípulo das santas . . . . .	150
Sabedoria e santidade . . . . .	152
A mulher e o absoluto . . . . .	153
Espanha . . . . .	153
Histeria da eternidade . . . . .	154
Etapas do orgulho . . . . .	155
Céu e higiene . . . . .	156
Acerca de certas solidões . . . . .	156
Oscilação . . . . .	157
Ameaça de santidade . . . . .	158
A cruz inclinada . . . . .	158
Teologia . . . . .	159
O animal metafísico . . . . .	160
Génese da tristeza . . . . .	161
Divagações num convento . . . . .	161
Exercício de insubmissão . . . . .	163
O ENQUADRAMENTO DO SABER . . . . .	165
ABDICAÇÕES . . . . .	171
A corda . . . . .	171
Os bastidores de uma obsessão . . . . .	172
Epitáfio . . . . .	172
Secularização das lágrimas . . . . .	173
Flutuações da vontade . . . . .	174
Teoria da bondade . . . . .	174
O meio-termo . . . . .	175
Maravilhas do vício . . . . .	176
O corruptor . . . . .	178
O arquiteto das cavernas . . . . .	178
Disciplina da atonia . . . . .	179
A suprema usura . . . . .	180
Nas exéquias do desejo . . . . .	181
A irrefutável deceção . . . . .	182
No segredo dos moralistas . . . . .	183
Fantasia monástica . . . . .	185
Em honra da loucura . . . . .	186

Os meus heróis . . . . .	187
Os atrasados mentais . . . . .	188
A miséria: estimulante do espírito . . . . .	189
Invocação da insónia . . . . .	190
Perfil do malvado . . . . .	192
Opiniões acerca da tolerância. . . . .	193
Filosofia indumentária. . . . .	194
No meio da ralé . . . . .	195
Acerca de um empreendedor de ideias . . . . .	196
Verdades do temperamento . . . . .	197
O esfolado. . . . .	198
Em conflito consigo mesmo . . . . .	199
Restauração de um culto. . . . .	200
Nós, os trogloditas... . . . .	201
Fisionomia de um fracasso . . . . .	202
Procissão de sub-humanos . . . . .	203
<i>Quousque eadem?</i> . . . . .	204